

Editorial

Com a publicação de sua décima edição (jul./dez de 2016), a **Rebeca - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual** - completa cinco anos de contribuições para a divulgação, em livre acesso, de pesquisas em cinema e audiovisual realizadas no Brasil e em âmbito internacional. O **número 10**, que comemora esse ciclo maior, também encerra um primeiro ano em que a revista opera no sistema Open Journal System (OJS), e plataforma SEER, adequando-se a um formato de editoração condizente com outros periódicos acadêmicos de referência, além de estar em consonância com critérios técnicos sugeridos pela Capes e que são fundamentais para o processo de indexação da revista. Nesse sentido, adotamos, com a infraestrutura da agência de registro internacional CrossRef, o DOI (Digital Object Identifier), sistema de identificação necessário para a indexação, que assegura a propriedade intelectual de cada artigo publicado no formato digital da plataforma, e promove maior segurança e facilidade na circulação dos conteúdos para fins de citação. Com isso, passamos a compor a base de dados do sistema Latindex e demos início ao processo, com outras fontes e repositórios, tais como MLA, Redalyc e Diadorim. O ano de 2016 também fica marcado por uma nova política editorial para a Rebeca, mobilizando novos editores para a seção Dossiê Temático a cada número publicado, de acordo com sua disponibilidade e afinidade de trabalho com a temática sugerida. Do mesmo modo, buscamos uma maior sintonia entre as diversas seções da revista, de maneira que o tema do dossiê também norteasse as contribuições em forma de Tradução e Entrevista, sem necessariamente abrimos mão de outras colaborações não vinculadas à temática. A **Rebeca 9**, por exemplo, teve o dossiê **O som no audiovisual** editado por Fernando Moraes (UFF) e Rodrigo Carreiro (UFPE), em forte articulação com a tradução de texto inédito da pesquisadora Nessa Johnston (Universidade de Edge Hill, Inglaterra) sobre o som no *mumblecore*, bem como uma importante entrevista com Claudia Gorbman (Universidade de Tacoma, EUA), a primeira concedida a um periódico brasileiro e

de valiosa relação com o tema do dossiê, o que muito contribuiu para a construção de um número consistente da Rebeca no debate sobre os aspectos teóricos e estéticos do som no audiovisual. Na edição que encerra 2016, o **Dossiê Temático Africanidades** foi organizado por Amaranta César (UFRB) e Lúcia Ramos Monteiro (ECA/USP), que abraçaram a delicada tarefa de assumir essa colaboração de temática tão relevante também como um gesto de homenagem póstuma à trajetória acadêmica de Mahomed Bamba (1967-2015), colega de profissão docente (UFBA), membro da SOCINE, e pesquisador de cinemas africanos. **A apresentação do dossiê temático** - por Amaranta César e Lúcia Monteiro - antecede os artigos elencados para a seção. À temática do dossiê, alinha-se a **Entrevista** com o cineasta guineense Florentino Flora Gomes, realizada especialmente para esta edição por Juscielle Conceição de Oliveira, pesquisadora brasileira dos cinemas africanos na Universidade do Algarve, em Portugal. Outras importantes contribuições que se articulam com a temática do dossiê são as excelentes traduções de textos de Dudley Andrew e Kenneth W. Arrow, realizadas por Moema Franca e Lúcia Monteiro, respectivamente. De uma maneira geral, que será mais detalhada pelas organizadoras na apresentação do dossiê, podemos dizer que o artigo de Andrew busca, a partir de um conjunto de filmes africanos de contextos distintos, mapear um modo de acessar uma 'identidade africana', ao mesmo tempo que reconhece as forças contraditórias da "mobilidade enraizada" das produções audiovisuais do continente, enquanto Arrow coloca a problemática dos cinemas africanos no cerne do debate sobre os cinemas mundiais, com seu "Cinema africano: perturbando a ordem (cinemática mundial)". Ainda em **Traduções e Resenhas**, Gilberto Sobrinho contribui com o texto "Fluxo: para a compreensão da programação televisiva", em que resenha a recente publicação no Brasil da obra clássica de Raymond Williams traduzida como *Televisão: a precursora da era digital*. Na seção **Temáticas Livres**, Tatiana Hora de Lima oferece uma perspectiva política do filme *Brasília, contradição de uma cidade nova* (1964), de Joaquim Pedro de Andrade, a partir do conceito de 'filme-desvio', que estabelece no cotejo com o curta-metragem *Brasília*,

planejamento urbano (1964), de Fernando Coni Campos. Para além de uma relação intertextual de citação, a autora percebe um jogo dialético entre as imagens dos filmes, oferecendo uma análise que reorganiza os modos de olhar e pensar a força histórica da cidade, assumindo o passado como devir. Em “Terceer Cine Cordobés”: formas de la representación del otro”, Ximena Triquell continua em perspectiva política, recuperando o conceito de ‘Terceer Cine’, desenvolvido por Fernando Solanas e Octavio Getino em meados do século XX, para pensar a produção audiovisual de Córdoba na contemporaneidade. Uma outra contribuição sobre o audiovisual latino-americano é “La dimensión fractal del teatro en el cine argentino contemporáneo: formas que se asemejan en diferentes escalas”, escrito por Carolina Soria. O artigo parte de uma discussão sobre o chamado “teatro de desintegração”, traçando uma relação entre o texto dramático e a forma audiovisual contemporânea do cinema argentino, que a autora identifica pelo aspecto ‘fractal’ de sua organização, analisando mais detidamente o filme *Viola* (2012), de Matias Piñeiro. No artigo que fecha esta seção, “Da Portela para a Mangueira: um passeio pela mediação nos documentários *O mistério do samba* e *O samba que mora em mim*”, Guilherme Carréra Campos Leal discorre sobre o samba no documentário brasileiro. Com foco nos dois filmes que compõem o título de seu artigo, o autor procura investigar a relação entre quem filma e quem é filmado, mapeando as fricções temporais da mediação, os elos entre passado e presente que reverberam, com a música e o cinema, no jogo de filmar e ser filmado. Finalizando esse número, a seção Fora de Quadro apresenta uma breve documentação fotográfica sobre o estado atual de antigas salas de cinema de Moçambique, sob o olhar do realizador e fotógrafo Chico Carneiro, que nos mostra a degradação e o abandono desses cinemas. O registro de Carneiro captura as fachadas dos prédios antigos já desativados, dando-nos um panorama da situação atual das salas, ao mesmo tempo que sua câmera encontra novas configurações de salas e modos alternativos de exibição que vão se estabelecendo no país. O número 10 da Rebeca, portanto, fecha o ano de 2016 com o desafio de abordar a temática - ou seria a problemática? - das

africanidades, mapeando os movimentos estéticos dos cinemas africanos e das diásporas africanas, das heranças e políticas que mobilizam suas (re)configurações na contemporaneidade. Assim, essa edição se faz também como um gesto de reconhecimento e homenagem ao saudoso colega Mahomed Bamba, um dos grandes responsáveis pela difusão e pesquisa dessas cinematografias no Brasil, que permanece vivo em seu legado e em nossa memória. A Amaranta Cesar e Lúcia Monteiro, que abraçaram essa missão com tamanho vigor e dedicação, um agradecimento carregado de admiração. A Chico Carneiro, por compartilhar seu olhar vindo de Moçambique, ao conjunto de autoras e autores que colaboraram com os textos inéditos, traduções, resenha e imagens que compõem essa edição, bem como a Débora Rossetto e ao corpo de pareceristas que foi mobilizado para viabilizar essa publicação, um largo e sincero agradecimento.

Uma ótima leitura a todas e todos!

Alessandra Soares Brandão